

JULIÁN FUKS

A ocupação



Copyright © 2019 by Julián Fuks

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Victor Burton

Foto de capa

Luiza Sigulem

Preparação

Adriane Piscitelli

Revisão

Angela das Neves

Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fuks, Julián.

A ocupação / Julián Fuks. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

ISBN 978-85-359-3292-8

1. Ficção brasileira I. Título.

19-30481

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Isolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Ao meu pai

Estava à espera dos bárbaros como se estivesse à espera de si mesmo. Ele queria ser invadido. Queria ser conquistado, ocupado da cabeça aos pés, a ponto de se esquecer de quem era antes da invasão.

Não há sangue dos outros. Em cada um que sangra todos nós esvaímos.

Mia Couto

1.

Todo homem é a ruína de um homem, eu poderia ter pensado. Aquele homem que se apresentava aos meus olhos era a encarnação dessa máxima, um ser em estado precário, um corpo soterrado em seus próprios escombros. Essa impressão não viria do pescoço fino, do torso esquálido, das pernas retorcidas sobre a cadeira de rodas, mas de um aspecto menor, circunstancial: o homem era naquele instante uma ruína de homem porque estava completamente embriagado. Soube pelas palavras repetidas, pelas frases truncadas, pela voz que era também a ruína de uma voz. Não olhei os seus olhos, nos seus olhos não cheguei a procurar a minha própria imagem.

Poderia ter pensado, mas não pensei porque caminhávamos juntos, ela e eu lado a lado, cruzávamos rumo ao centro aquela cidade que julgávamos nossa. O homem interpôs à nossa passagem aquele entulho de cadeira de rodas e pediu, com gentileza inesperada, que o empurrássemos até o fim da rua. Nem precisei consultá-la nesse caso. Assumi as duas hastas às costas do homem e lhe dei a direção precisa, batalhando as rodas contra a precariedade da calçada.

A meio caminho o homem nos deteve com um amplo me-
neio do braço. Podia chegar mais tarde à esquina, o que que-
ria agora era tomar uma cachaça no boteco ao lado. Pedia que
lhe comprássemos essa cachaça. Aqui é possível que tenhamos,
ela e eu, trocado olhares. O homem estava bêbado demais, uma
cachaça turvaria a pouca consciência que lhe restava, uma ca-
chaça haveria de ser uma inundação sobre os seus destroços. E,
no entanto, era evidente que esse homem levava uma vida de
dores inimagináveis, dores pessoais ou familiares, dores físicas
ou anímicas, dores que mereceriam sua diluição na quantidade
máxima de álcool.

Juntos deixamos o homem na calçada e nos perdemos pe-
numbra adentro naquela ruína de bar. Levava já a cachaça na
mão esquerda, na mão direita minha única nota de dez reais,
quando ouvi que alguém dirigia a ela a palavra, alguém mais tinha
algo a nos pedir. Era um menino novo demais para ser uma ruína
de menino, para ser sua própria ruína. Tinha sede, foi o que disse
em sua voz fina, pedia apenas que lhe comprássemos um suco
qualquer. Justo e preciso era o pedido, mas eu não pude senão sen-
tir que havia algo indecoroso na troca óbvia, alguma imoralidade
em romper a promessa que fizéramos ao outro, em deixar que a
necessidade do menino se impusesse à vontade do homem.

O dilema era ínfimo, isso eu sabia, era a perversidade da
nossa cidade manifesta em insignificância, a sordidez replicada
mundo afora todos os dias, numa infinidade de esquinas. Ainda
assim me vi rendido à paralisia. Na penumbra o olhar dela me era
inacessível, e por um instante senti, embora nada tenha dito,
que a palavra que eu dissesse seria a minha ruína.

2.

Não pensei se o homem era a ruína do homem quando cheguei para ver o meu pai. Não pensei em nada. Vi seu corpo sendo empurrado sobre uma maca, ouvi as rodas que guinchavam contra o piso do corredor, observei o semblante sério dos enfermeiros que o transportavam. Nas sombras que se projetavam nas paredes do hospital, sua silhueta parecia adquirir uma dimensão extraordinária. Estava crescido o meu pai, como se o mal que sofria expandisse os seus contornos, como se o infortúnio aumentasse o espaço que ele ocupava no mundo. Só mais tarde a médica explicaria, apertando com dedos rijos aquele braço enorme: o pulmão perfurado deixava vazar o ar que ele aspirava, e o ar se difundia sob a pele produzindo um inchaço geral.

Nas costas da minha mãe não senti semelhante inchaço. Enquanto a abraçava, as mãos espalmadas sobre suas escápulas, senti exatamente o contrário, como se aos ossos faltasse a carne, como se nada abraçasse. Minha mãe era naquele instante uma mulher mais mirrada que o normal, um corpo esguio demais para aceitar o meu afago. Separamos os nossos corpos como se

nada separássemos, e eu quis lhe dizer algo que ao fim não me ocorreu. Havia alguma rigidez em suas feições, alguma rispidez em sua voz, e eu a conhecia o bastante para decifrar aqueles sinais tão módicos. Na minha mãe, a impaciência que lhe era tão rara encobria as incertezas, o mau humor servia para ocultar a fragilidade.

Passei a noite sozinho no hospital, embora sozinho não seja a palavra exata. Alguém já definiu a solidão como uma ausência benquista de olhares, mas não naquela noite. Naquela noite, os quadrados de vidro na porta do quarto eram dois olhos que me espiavam, que me roubavam a intimidade sem me fazer nenhuma companhia. Meu pai adormecido também não me fazia companhia, um homem que dorme pode ser a mais profunda das ausências. Minha solidão naquela noite não era mais que o temor da solidão, o temor de ver convertido em vazio aquele espaço maior que ele ocupava agora, no mundo, no quarto, em mim.

De madrugada, sem conseguir dormir, aproximei minha poltrona de sua cama. Pressionei o dedo contra o braço volumoso e senti uma maciez inesperada, e observei o contorno branco do dedo marcado na pele vermelha. Aquele ar não era o problema, aquele ar se dissiparia com o tempo, dissera a médica. Um aparelho ruidoso já cuidava de extrair o excesso de vazio em seu corpo, o vento que o invadia e o separava de suas próprias célu-las. Parece um sapo assustado, alguém dissera. Parece um sábio chinês. Eu rejeitava qualquer noção que o removesse de seu próprio ser, ou do ser que eu via nele, qualquer descrição que fizesse dele outra coisa senão meu pai. O aparelho continuava a cumprir sua função, ruidosamente. Ainda assim me vi a arrastar a palma da mão pelo seu antebraço, seguidas vezes, pensando que assim avivava seus poros, evanescia o vento invasivo que o afastava de si mesmo.